Sobras da sobremesa

FLÁVIO TAVARES*

A final, nessa correria desenfreada, em que pareceres legislativos, discursos, inquirições, votações e similares soavam como o estouro da boiada campo afora no Rio Grande, só restou o puff verde da casa da governadora. Esse banquinho, que nem banco é, está ali como mostra de que nem tudo é clara alvura na casa da dona Yeda e também impõe dúvidas. Para alguns é com dois "ff" finais, para outros apenas um "f", pois para sentar-se em coisa tão fofa, mas incômoda e sem encosto, bastam três letras.

"Três letras apenas, a força que têm", dizia Lila Ripoll num poema sobre a paz, na campanha contra a bomba atômica nos anos 1950. Não existiam puf e outras custosas quinquilharias pagas pelo Estado para a casa de quem nos governasse e o Rio Grande era outro em integridade.

Podíamos detestar os atos de quem nos governasse, e atacá-lo até, mas nunca acusá-lo por instalar a arrogância. Nem sequer os quatro governadores não eleitos, escolhidos pelo poder ditatorial após 1964, cultivaram a soberba. Eram produto do autoritarismo e o interpretaram, só isso.

Ao assumir o governo, Yeda Crusius tinha vários ineditismos a seu favor. Primeira mulher a nos governar, apostávamos na sensibilidade feminina para diagnosticar as causas da decadência deste rincão de "gaúchos mui machos". Pela primeira vez, tínhamos no governo alguém com vezo intelectual, professora universitária aparentemente de boa cultura, que formara várias gerações de economistas a nos guiarem com números e cifras. Fora ainda parlamentar federal e ministra; conhecia as artimanhas de Brasília. Não importava ter nascido e se formado noutros pagos, pois aqui fizera sua vida e, assim, era daqui.

Quem não consegue estruturar um grupo, como aglutinará para administrar?

A pouco mais de um ano do final do seu mandato, no entanto, parece sempre que ela recém começa a governar. Sua equipe muda mais do que as quatro estações do ano ou do que o inconstante clima atual, de frio e calor no mesmo dia.

Quem não consegue estruturar um grupo sólido ao próprio redor, como aglutinará os gaúchos na busca de consensos para administrar?

Não repetirei o que os editoriais deste jornal já lembraram, mas as acusações de corrupção não se resolvem com o arquivamento, pelo Legislativo, do pedido de impedimento da governadora nem com sua exclusão do processo por improbidade. Neste último, decidiu-se apenas que a Justiça Federal não tem competência formal para julgá-la.

Nos meandros do que foi ou não investigado, continuam as ligações perigosas que cercam o Palácio Piratini. Seguem sem esclarecimento as revelações escabrosas do "lobista" Lair Ferst. Nada se diz do inefável Chico Fraga, suburbano lorde influente na metrópole, que armou uma das teias suspeitas. Ambos foram íntimos do palácio.

Quando haverá um guincho (como no escândalo dos R$ 44 milhões do Detran) para içar tudo isso?

Não conheço o vice-governador Paulo Afonso Feijó, mesmo tendo sido amigo do seu pai e do seu irmão mais velho, Marcelo. Em termos de visão de mundo e sociedade, sei até que discordamos, mas o admiro.

Nele aprecio a coragem da ranzinzice. Digo sempre que os ranzinzas prestaram grandes serviços à História, e o vice-governador, no mínimo, está catalogado como tal. Conheci bem dois ranzinzas imperturbáveis. De um lado, Cândido Norberto, deputado estadual nos anos 1950-60, rabugento na denúncia do absurdo. De outro, Leonel Brizola, impertinente na resistência e na denúncia da rapina internacional, birrento defensor do desenvolvimento autônomo e do nacionalismo.

Feijó se oferece, agora, para depor sobre as entranhas do governo. No mínimo, desabafará as sobras da sobremesa.

*Jornalista e escritor

IOTTI

iotti@zerohora.com.br

TEMA PARA **DEBATE**

A capital das monstruosidades

VOLTAIRE SCHILLING*

Desde que Marcel Duchamp, um ex-artista cubista, francês de nascimento que escolheu os Estados Unidos como residência, mandou um urinol para ser exposto numa galeria de Nova York e, quase em seguida, em 1915, montou uma roda de bicicleta equilibrada sobre um pequeno banco e a fez passar por obra de arte, abriu-se a Caixa de Pandora dos horrores estéticos que a partir de então invadiram o cenário das exposições de arte.

Para acentuar ainda mais o seu deboche para com o que até então se entendia como arte, Duchamp, um pândego, um moleque crescido, pintou um belo bigode numa imagem da *Mona Lisa* de Leonardo da Vinci, ícone da pintura ocidental. Como ele não foi confinado num manicômio nem encarcerado por ofensas ao patrimônio estético (interessante observar que nunca o Direito Penal preocupou-se em classificar como crime hediondo quem de propósito fabricasse a feiura!), parte da vanguarda artística ocidental tomou-o como um profeta dos novos tempos. Estabeleceu-se então um deus nos acuda.

Todavia, o que particularmente nos chama a atenção como cidadãos desta nossa capital, que mais uma vez se vê intimidada pelo flagelo de uma nova "instalação", é a notável concentração de "esculturas" e "monumentos" absolutamente espantosos. Um pior do que o outro.

O que nos chama a atenção é a concentração de "esculturas" e "monumentos" absolutamente espantosos

Nosso calvário começa por aquela mandada erguer pelos burgueses do bairro Moinhos de Vento para celebrar sua vitória em 1964 que se encontra no Parcão (homenagem ao marechal Castello Branco, mas que também pode referir-se ao desembarque de um extraterrestre), chegando ao hediondo "timão" situado na rótula que antecede o museu Iberê Camargo.

Aliás, o primeiro "timão", que parecia ter esterco como matéria original da sua composição, foi destruído pelos vileiros do Morro Santa Tereza, certamente indignados em terem-no nas vizinhanças (sofriam de uma injusta punição, além da pobreza tinham que encarar diariamente o exemplo da medonhice).

Este colar sem fim de mau gosto que nos assola ainda é composto pelo "cuiódromo", encravado na rótula da Praça da Harmonia (obra que por igual pode ser entendida como a exaltação de um superúbere de uma vaca premiada), e por um tarugo de ferro enferrujado que adentra o Rio Guaíba nas proximidades da Usina do Gasômetro e que se intitula, pasmem, *Olhos Atentos*.

Nem os que foram perseguidos pelo regime militar escaparam destas maldades estéticas. O "monumento" que os lembra, erigido no Parque Marinha do Brasil, nos faz supor que eles continuarão atormentados ainda por muito tempo mais.

A gota d'água derradeira destas perversidades que acometem contra nós, pobres porto-alegrenses, foi a inauguração recente da *Casa Monstro*, situada na Rua dos Andradas. Pelo menos o autor, um jovem paulista, enfim alguém sincero no ramo, não a escondeu atrás de um título esotérico ou poético: é monstruosa, sim!

Trata-se da reprodução de um tumor que, inchado, é expelido pelas aberturas da construção e vem se mostrar aos olhos dos passantes, tal como se fora um abdômen de um canceroso recém aberto pelo bisturi de um cirurgião. Como se vê, uma maravilha!

Minha interrogação, depois de passar rapidamente os olhos sobre este vale de horrores que nos circunda, é por que Porto Alegre, cidade aprazível, moderna, povoada por gente simpática, habitada pelas mulheres mais belas do país e que abrigou artistas como Vasco Prado, Xico Stockinger e Danúbio Gonçalves, termina por excitar o pior lado de muitos que por aqui vêm expor?

Dizem-me que eles deixam estas abominações como doação (por não encontrarem compradores e não quererem arcar com o translado) e a infeliz prefeitura, constrangida, não tem como lhes dizer não.

Faço desde já um apelo ao secretário municipal da Cultura, Sergius Gonzaga, se este ano tal ameaça se repetir, mobilize-se. Levante recursos, promova uma ação entre os amigos da cidade para despachar tais coisas para qualquer outro lugar. Senão, peça socorro à ONU. Porto Alegre, aliviada, lhe será eternamente agradecida.

ZEROHORA.COM

Você apoia a ideia do autor de uma ação entre os amigos de Porto Alegre para despachar obras de arte doadas por artistas para outro lugar? Opine em: www.zerohora.com

*Historiador